

## Resenha

---

### RAYMUNDO HERALDO MAUÉS E AS LINGUAGENS DA RELIGIÃO NO CONTEXTO AMAZÔNICO

*Giovanni Battista Tuveri*<sup>1</sup>

Raymundo Heraldo Maués é bacharel e licenciado em História (1962) pela Universidade Federal do Pará, mestre em Antropologia (1977) pela Universidade de Brasília e doutor em Antropologia Social (1987) pela Universidade Federal do Rio de Janeiro/Museu Nacional. Trabalha como professor voluntário da Universidade Federal do Pará, sendo professor permanente do Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais (PPGCS) da mesma universidade. É também professor permanente do Programa de Pós-Graduação de Ciências da Religião (PPGCR) da Universidade do Estado do Pará. Publicou 51 artigos em periódicos especializados e 43 trabalhos em anais de eventos. Possui 30 capítulos de livros, três coletâneas e cinco livros publicados, entre eles: *A ilha encantada: medicina ex numa comunidade de pescadores*; *Padres, pajés, santos e festas: catolicismo popular e controle eclesástico* e *Uma outra invenção da Amazônia*.

O *catolicismo popular* e a *pajelança cabocla* são termos entendidos por Heraldo Maués como relacionados ao modo de ser católico, e ao mesmo tempo pajé, na região amazônica. Ambos são reconhecidos e respeitados por atuarem nos dois campos religiosos. Quando Maués fala de catolicismo popular, não o entende como o catolicismo das populações das classes baixas, mas apenas do catolicismo praticado pelas pessoas que compõem o povo em geral, leigos ou até clérigos, em contraposição ao catolicismo oficial praticado pela Igreja enquanto instituição hierárquica, retirando, portanto, qualquer ambiguidade ou sentido depreciativo da palavra popular. Maués fala de ‘pajelança cabocla’, para que não haja confusão com a ‘pajelança indígena’, da qual a primeira se origina e se diferencia. Pajelança e catolicismo podem conviver, pois os pajés

---

<sup>1</sup> Ver Professor da Rede Estadual do Pará. Mestre em Ciências da Religião pela Universidade do Estado do Pará (UEPA). Contato: giovanituveri@seduc.gov.pa

e os adeptos da pajelança se consideram essencialmente católicos. A pajelança pode ser considerada como “parte integrante do catolicismo popular” (Maués, 2002, p. 54), porque ela não tem uma identidade própria, não existe a identidade “pajeística” à semelhança da identidade umbandista, espírita e outras. Assim mesmo, o termo pajé é usado pelos estudiosos, enquanto eles se definem curadores. Nesse sentido, torna-se pertinente a pergunta sobre o que é pajelança. Maués fala de pajelança cabocla que não pode ser confundida com a pajelança indígena. A pajelança cabocla é uma forma de xamanismo com o intuito de curar doenças por intermédio dos pajés ou curadores. Estes, por sua vez, não curam por si mesmos, eles também são intermediários, quem realmente cura, os verdadeiros agentes, são os encantados ou caruanas. Podemos afirmar que

a pajelança cabocla é uma forma de culto mediúnic constituído por um conjunto de crenças e práticas muito difundidas na Amazônia, (...) com origem na pajelança dos grupos tupis, (...) e que incorporou crenças e práticas católicas, kardecistas e africanas, com forte influência da umbanda (Maués, 1999, p. 198).

Mas seus adeptos não falam de outra religião, pois se consideram “bons católicos”, e participam das festas, procissões e demais rituais católicos. Entre estes rituais, destaca-se o culto aos santos que estão sempre presentes juntamente com os caruanas, mas as entidades principais são os encantados ou caruanas. São estes que tomam o corpo do pajé, são suas as doutrinas cantadas, suas são as curas. O único que canta, dança e entra em transe é o pajé ao som do maracá. “Tinha, porém um ajudante, o ‘servente’, que o auxiliava e traduzia as suas ações e palavras para os assistentes” (Maués, 2002, p. 58).

### A PAJELANÇA CABOCLA COMO FORMA DE MEDICINA POPULAR

Como já vimos, a pajelança cabocla é uma forma de xamanismo com o intuito de curar doenças por intermédio dos pajés ou curadores. Para evitar confusões é necessário abrir um parêntese para uma explicação em relação ao termo ‘caboclo’, sobre o qual Maués afirma:

Em termos espaciais, o caboclo é aquele que vem do interior, que migra do rural para o urbano, que, ao relacionar-se com o outro, é classificado segundo sua origem, classe, etnia, costume, entre outros. Caboclo é sempre o outro, que, por ser caboclo, encontra-se em uma situação de inferioridade e, por ser considerado como inferior na classificação social é denominado caboclo. Vê-se, com isso,

que não apenas atributos sociais, apesar de sua proeminência em certos casos, definem o caboclo, mas um conjunto de elementos ligados à cultura, educação, renda, origem, etnia, entre outros (Maués, s.d., p. 5).

Consequentemente, temos aí que a classificação de caboclo implica que este possui o menor *status* dentro de uma determinada comunidade, na hierarquia dos lugares. A base fundamental da pajelança cabocla é a crença nos encantados, seres ou entidades de origem europeia que sofreram a influência de concepções de origem indígena e africana. A pajelança cabocla e as religiões afro-brasileiras compõem o universo da encantaria brasileira. A mina, a Umbanda, cultos pentecostais e pajelança buscam o tratamento médico em concomitância com a medicina “oficial”. A pajelança cabocla é “composta por um conjunto de práticas de cura xamanística, com origem em crenças e costumes dos antigos índios Tupinambás, sincretizados pelo contato com o branco e o negro, desde pelo menos a segunda metade do século XVIII” (Maués, 1999, p. 195). Seu fundamento é a crença nos encantados ou caruanas, seres invisíveis que se incorporam no pajé durante os rituais nos quais o pajé/xamã é a figura central da sessão de cura. O xamã/pajé é apenas um intermediário, um instrumento dos caruanas, são eles os agentes reais das curas, e estes, por sua vez, recebem seus poderes “diretamente da divindade, o mesmo Deus dos cristãos” (Maués, 2002, p. 72).

Esta forma de culto que se junta a uma prática médica é de fundamental importância em lugares onde a medicina ocidental oficial é praticamente distante e inexistente. Ainda por cima ela engloba curas médicas e crenças religiosas podendo curar doenças físicas, psíquicas e de outras origens. Mas esse campo todo não é exclusivo do pajé, ele é o ator mais importante, podendo exercer outras funções, mas só ele poderá exercer a função de pajé, o xamã inspirado. Além do pajé, existem o “experiente, a parteira, o benzedor ou a benzedeira, o espírita (alguém que, seguindo o kardecismo, também atende os doentes) e o ‘farmacêutico’ (isto é, o dono de farmácia, que receita os remédios)”. Mais recentemente, com o desenvolvimento do pentecostalismo, têm penetrado no interior da Amazônia muitas igrejas e seitas voltadas para a cura de doenças, através do exorcismo e do poder do Espírito Santo (Maués, 1999, p. 201). Mas só o pajé recebe os caruanas.

## DOENÇAS E SAÚDE NO MUNDO CABOCLO

Existem duas categorias de doenças: doenças naturais e doenças não naturais. As doenças naturais também chamadas de normais, ou de “mandadas por

Deus” (permitidas por Deus). São os males conhecidos e tratados pela medicina oficial, mas que também podem ser tratados pelos especialistas da pajelança. Já as doenças não naturais ou anormais, também conhecidas como “sofrimentos de pajé”, “coisas de pajé”, “sofrimento que depende de pajé” e “doenças por malineza”, só podem ser tratadas pelos especialistas locais, pajés, benzedores, parteiras e outros. É fundamental, para pegar ou não uma doença natural, o estado dos “humores”. Apesar de não ser muito claro o significado deste termo, aparentemente os “humores” são ligados ao sangue, ao “sangue ruim” e à “pressão”. Se a pressão aumenta ou se afasta, o corpo fica “quente” ou “frio” e os humores ficam ruins. Em outras palavras, a pessoa adoece se não tiver equilíbrio entre o quente-frio. Similarmente, é essencial a questão do quente-frio que se refere seja à temperatura dos alimentos, seja à qualidade dos alimentos independentemente de sua temperatura. O primeiro caso é causa de doença, já o segundo caso provoca o agravamento da doença. O choque térmico explica diversas doenças, como a *congestão*, o *paludismo* (*malária*), a *gripe*, a *resfrialdade* (*sem correspondente na medicina ocidental*), a *suspensão da menstruação* e outras. São consideradas frias doenças como *ferimento leve*, *gripe*, *resfrialdade*, *reumatismo de frio* e *doença dos rins*. Já as doenças com quentura são: *dor d’olhos*, *coceira*, *alergia*, *diarreia*, *erisipela*, *ferida grave*, *congestão* e *febre*.

Já para as doenças naturais, as causas são principalmente os “micróbios” que, apesar de concebidos como seres minúsculos, não correspondem aos micróbios da medicina ocidental. Eles estão no ar, na terra e na água podendo causar *variola*, *catapora*, *sarampo*, *papeira* (*caxumba*), *guariba* (*coqueluche*), *paludismo*, *febre amarela*, *vermes intestinais* e outras. Os acidentes podem causar *rasgadura* (*hérnia*), *dismintidura*, *peito aberto*, *espinhela caída*, *além de picada de cobra* e *ferrada de arraia*. O vento pode causar *vento encausado*, *vento-nas-cordas*, *pioris de vento*, *vento caído* (*afundamento da moleira*).

De acordo com Maués (1990, p. 97), as doenças não naturais são: “*aborrecimento*, *corrente-do-fundo*, *espírito*, *feitiço* (ou *malefício*), *flechada-de-bicho*, *mal-assombrado*, *mau-olhado de bicho*, *mau-olhado de gente*, *mau-olhado de lua*, *mau-olhado de sol*, *panemeira*, *parauá* e *quebranto* (...), *ataque-de-boto*”. Delas faz parte também a “*malineza*”: um conceito da cultura amazônica. Em sentido restrito, o conceito de malineza é assim definido por Maués (1999, p. 238): “ações intencionais de natureza mágica ou sobrenatural, provocadas por agentes humanos e não humanos (ou não propriamente humanos) sobre outros homens, plantas, animais e objetos materiais pertencentes a seres humanos”. A malineza, no meio rural amazônico, é interpretada como a causa das doenças definidas como “não naturais ou não normais” que extrapolam o campo da

medicina ocidental porque podem ser tratadas só por especialistas locais, como os benzedores, os experientes e os curadores/pajés.

Entre os seres humanos, uma primeira grande divisão é entre encantados e não encantados, onde os primeiros são caracterizados pela invisibilidade. Os encantados-da-mata moram na mata, já os encantados-do-fundo moram no fundo dos rios, em cidades subaquáticas. A curupira se manifesta sob forma humana (“um pretinho”), já a anhangá adquire forma animal. O encantado é chamado caruana quando incorpora no pajé mediante o fenômeno da possessão durante as sessões de cura mantendo-se invisível, mas é chamado de oiara quando assume forma visível no mangal. A oiara subdivide-se em oiara preta (malina) e oiara branca (não malina).

No caso do feiticeiro, temos um que se entregou a Satanás enquanto o outro não, e por isso é indicado como não feiticeiro. Também tem outro tipo de feiticeiro que é dito comum para distingui-lo do fadista que é aquele que tem o fado/destino de transformar-se em bicho toda noite. Este último divide-se em matinta-perera (mulher) e labisônio (homem).

Finalmente, temos, de um lado, gente comum e, do outro lado, o pajé que tem uma relação de ordem sobrenatural com os caruanas. Por último, entre os pajés, distingue-se o pajé-de-nascença, que já tinha o dom antes ainda de nascer, e o pajé-de-agrado, que se torna pajé porque o caruana gostou dele e lhe deu o dom.

Algumas doenças provocadas por encantados: *ataque-de-boto*, *flechada-de-bicho*, *mau-olhado de bicho*. A melhor forma de prevenção é a de tomar um “passe” dado por um pajé. Este passe não vai impedir uma doença não natural de se instalar, mas apenas vai fortalecer a pessoa mesmo que a doença já esteja instalada. Assim também outras medidas preventivas não garantem que uma doença não natural se instale. Enquanto todas essas doenças podem ser causadas por simples maldade, ou porque a vítima deu algum motivo, para as doenças corrente-do-fundo e parauá a questão muda de figura, porque a primeira acontece por “agrado”, isto é, porque os caruanas gostaram de uma determinada pessoa, enquanto o parauá acontece pelo desejo da matinta-perera de ter uma pessoa que herde suas artes mágicas.

É preciso dizer que só o pajé pode tratar de todas as doenças não naturais e a parteira-de-dom, pois ela é uma pajé. Os outros experientes locais poderão tratar de uma doença, mas não de todas. O tratamento poderá levar “à cura do paciente, à continuação da doença e à morte do paciente” (Maués, 1990, p.190).

Para tratar as doenças não naturais são possíveis três tipos de interventos, podendo ser usados em conjunto. Proceder contra o agente que causou a do-

ença, visando seu enfraquecimento; tentar eliminar os motivos que causaram a doença ou as substâncias eventuais usadas para isso; ações para fortalecer a vítima: “passes, banhos, defumações, chás, benzições e outras” (Maués, 1990, p. 203).

Para tratar de doenças naturais o experiente recorre a chás, “leite de paus” (seiva de plantas), “emplastos, banhos, defumações, pomadas, fricções, vomitórios, excrementos de animais, saliva humana e outros” (Maués, 1990, p. 204), mas também pode recorrer a remédios formais de farmácia.

É fundamental o experiente “dar a sua finesa”, isto é, indicar para o paciente o período de resguardo e as proibições alimentares em relação ao remédio receitado. Isto é essencial porque o remédio é considerado “fino”, isto é, venenoso, porque ele pode curar e matar ao mesmo tempo.

A panemeira é a única doença não natural, juntamente com o feitiço, que apresenta os mesmos sintomas, que pode ser tratada por um não especialista, mas geralmente recorre-se a um experiente, parteira, benzedor ou pajé. O tratamento consiste em banhos e defumações. Ela não atinge só a pessoa, mas também seus animais e instrumentos de trabalho, portanto, o remédio deve ser destinado a todo o conjunto: pessoa, animal e instrumentos.

## OS MÉTODOS DE CURA

A grande diferença entre o benzedor e o experiente é que o primeiro usa a benção acompanhada de orações específicas e variadas em um ritual apropriado. Ele trata de algumas doenças naturais (cobrelo, erzipla, fogo salvage e outras) e não naturais (quebranto e mau-olhado). Durante o ritual, o paciente fica sentado de costas para o benzedor que lhe impõe as mãos sobre a cabeça, reza orações católicas e populares e o asperge com água benta ou água com sal usando uma rama de vassourinha, arruda, hortelâzinho ou cipó d’alho.

No caso das doenças naturais anteriormente citadas, que têm manifestações cutâneas visíveis, o benzedor usa uma tala de guarumã ou uma varinha com a qual faz o gesto de cortar as erupções acompanhando tal gesto com benzições.

O pajé é o especialista local mais completo e pode tratar todas as doenças naturais e não naturais. Ele pode agir como um simples experiente ou como um benzedor, pode simplesmente receitar remédios, benzer, dar passes e realizar “seus trabalhos”, “atuado” com seus caruanas, também chamados de “guias” ou “cavalheiros”.

Maués (2008) afirma que os pajés trabalham tanto com encantados como com espíritos, com tambores ou sem tambores, na frente de uma mesa (altar) ou não, com seu maracá ou não:

a) Os “*passes*” do pajé: não há grandes diferenças entre a ação do experiente, do benzedor e do pajé, como também entre um passe e uma benção. A diferença essencial é que o pajé trabalha “atuado”, portanto, na realidade, não é o pajé que age, mas o caruana. Caso o pajé não use roupas especiais para o ritual/trabalho, só os entendidos poderão distinguir entre um passe e uma benção. Mas, geralmente, o pajé atua devidamente paramentado com “cintas” ou cordas multicoloridas e trançadas ao redor do corpo no peito, costas e cintura. O passe distingue-se da benção porque não é usado apenas para curar doenças, ele pode ser usado como prevenção ou como auxiliar em qualquer tratamento, em qualquer ocasião.

b) Os “*trabalhos*” do pajé: os trabalhos, também chamados de “sessões de cura”, normalmente são feitos para tratar doenças, mas em casos de não haver doentes, o pajé tem a obrigação de “chamar seus caruanas” (fazer uma sessão) pelo menos uma vez por mês, nem que seja na presença só de seus familiares. São realizados sempre de noite, iniciando pelas oito horas da noite e indo até a madrugada. “O dono do trabalho”, isto é, quem o encomendou, é também o patrocinador. Tem um caráter comunitário, tanto que a ele são convidados parentes ou não, doentes ou não, seja do patrocinador, seja do pajé.

A categoria “labisônio (lobisomem)” é o correspondente masculino da matinta-perera, dificilmente está presente e é considerado muito menos perigoso de seu correspondente feminino.

E isso tudo por quê? Homens e mulheres são diferentes “por fora” e “por dentro”, isto é, no aspecto físico e em seus órgãos internos, o homem é inteiro, a mulher não, pois esta tem no ventre um lugar vago, “oco”, que é destinado ao feto. O ventre (para os homens se fala de barriga) contém o “maquinismo” da mulher, “útere”, “orvalho”, as “cordas” e “madre”, órgão que, em Itapuá, é localizado no ventre na altura do umbigo.

Juntando tudo isso com o que já foi falado, menstruação, gravidez, parto e puerpério como formas de liminariedade em que a mulher pode ser perigosa, causar panema, como conciliar com a missão do pajé que deve estar sempre disponível, dia e noite, sem poder recusar um pedido de cura? É nisso que se baseia a construção de gênero na pajelança, isso “marca as mulheres com o signo de uma possível carência – um risco contínuo – que a ‘mente’ de um pajé não pode correr”. Durante os trabalhos é sempre presente um “servente” que, sem distinção de gênero, tem a função de exercer todos os serviços necessários

para o bom funcionamento da sessão, como: acender velas que são distribuídas pela casa, quintal e na frente das imagens de santos católicos, fazer a defumação do ambiente, ajudar o pajé a vestir-se para a sessão, acender cigarros tauarí constantemente, servir água e chápara ao pajé e ter cuidado para que o mesmo não se machuque, pois enquanto ele estiver atuado, está inconsciente.

Apesar de alguns caruanas pedirem para ver o doente, defumá-lo ou passar cachaça na sua pele, só um caruana especial, chamado de “mestre curador”, é que é o responsável pelo tratamento. Quando ele incorpora, começam os procedimentos específicos diferentes para cada doença. O doente é colocado sentado no meio do salão e recebe o passe. Posteriormente o caruana dá passe nos outros assistentes doentes ou não, e finalmente se despede dando lugar a outros caruanas.

Depois é a vez da “linha das princesas”, e se o pajé for do sexo masculino sua voz vai imitar a voz de uma mulher.

O ritual encerra-se com a chegada do príncipe chamado Mestre Domingos, que fala da cidade de Maiandeuá, onde mora o rei de todos os encantados, o rei Sebastião.

Após uma série de recomendações ao servente para ter cuidado como “aparelho” (o corpo do pajé) na saída do caruana, mestre Domingos abandona seu “aparelho” e com isso termina o ritual. O pajé fica como desacordado, o servente faz algumas orações, acorda o pajé e todo mundo volta para as suas casas.

c) *O tratamento de doenças específicas*: apesar de existir um padrão no tratamento das doenças não naturais, não existem procedimentos fixos, portanto cada pajé recorre a métodos próprios para tratá-las. O tratamento é feito durante uma sessão de pajelança com um ritual específico. Além do ritual, o pajé receita “chás, emplastos, banhos, defumações, fricções” (Maués, 1990, p. 229). Estas receitas podem mudar de pajé para pajé.

A grande diferença em relação a outros especialistas locais consiste no fato de que, por acontecerem durante uma sessão, as receitas são ditadas por um caruana, o que aumenta sua eficácia.

O tratamento consiste em “afastar” ou “chamar” os caruanas. Para o pajé de nascença, caso ele queira se ver livre do incômodo das possessões e dos encargos da função de pajé é muito difícil. Mais fácil se for “pajé de agrado”, isto é, sofre da corrente-de-fundo porque um caruana se agradou dele já na vida adulta. Em qualquer caso, a pessoa não estará livre de um castigo como doença grave, cegueira ou morte, no caso em que rejeite o dom de nascença ou de agrado.



Para afastar os caruanas temporária ou definitivamente, o tratamento consiste em passes e em carregar o paciente pelas costas, geralmente durante sessões específicas, mas, em casos urgentes, o mesmo pode acontecer fora das sessões. Também existem receitas complementares como banhos e defumações que coincidem com os de ataque-de-boto.

Bem mais complexo é o tratamento para “chamar” os caruanas, porque, nesse caso, se trata de preparar um novo pajé. Caso seja constatado que o indivíduo possui um dom autêntico, então vai se proceder ao “encruzamento”. Trata-se de rito de passagem efetuado numa sessão especial com um ritual bastante elaborado em que o candidato deve morrer simbolicamente para reviver como pajé. Após o rito, deverá observar “uma rigorosa reclusão, alimentando-se de comidas especiais” (Maués, 1999, p. 230). Nesse caso, o pajé que trata o paciente é chamado de “mestre curador” e o futuro pajé será seu discípulo. O aspirante a pajé deverá participar de todas as sessões do seu mestre e nas quais ele também irá “atuar” aprendendo a dominar e disciplinar seus caruanas e a afastar os maus, objetivo final deste tratamento. Banhos e defumações diversas são prescritos ao futuro pajé durante todo o tratamento.

Ao fim do resguardo, o discípulo já poderá atuar como pajé sempre obedecendo às obrigações de seu cargo: nunca rejeitar um trabalho, estar em contato com seus caruanas pelo menos uma vez por mês, observar as regras alimentares e outras. Mas os problemas para o pajé não são só de origem externa, são principalmente intrínsecos à sua função e começam quando ainda não foi sentado.

Quer que ele seja pajé “de nascença” ou “de encanto”, antes de se tornar xamã, ele sofre da doença chamada de “corrente-do-fundo”, como já vimos, que é própria do dom xamanístico, pela qual ele é possuído de forma descontrolada pelas entidades. Por isso ele passa por um tratamento que pode levar ao desaparecimento dos sintomas físicos e das possessões descontroladas, mas, no caso do dom ser “de nascença”, nunca haverá uma cura completa, pois isso implicaria na perda do dom xamanístico.

## SANTOS E ENCANTADOS: O CATOLICISMO POPULAR E A PAJELANÇA CABOCLA

### *Santos e catolicismo popular*

A crença e o culto dos santos são a base do catolicismo popular em Itapuá, na região do Salgado como um todo, como também em outras áreas pesquisadas

da Amazônia. É uma característica do catolicismo popular a combinação do sagrado e do profano, do sagrado e do lúdico nas diversas festas religiosas, a ponto tal que para o povo pesquisado pelo Maués é esta a principal diferença entre católicos e crentes/protestantes. Em Itapuã, os santos principais são Nossa Senhora de Nazaré, São Benedito, o Menino Deus e São Pedro. Nossa Senhora de Nazaré é uma santa muito importante em todo o município de Vigia, onde começou essa devoção desde a segunda metade do século XVII e, posteriormente, estendeu-se ao município de Belém com o famoso Círio de Nazaré, a todo o território paraense e de grande importância na Amazônia toda (Maués, 2001). Muito importante é São Benedito, considerado muito milagroso, mas também muito perigoso. Estes dois santos são muito invocados pelos pescadores em situação de perigo, mas em casos diferentes. Nossa Senhora de Nazaré é invocada em caso de perigo de vida, enquanto São Benedito é invocado em caso de avaria mecânica ou perda das redes de pesca no intuito de recuperá-las.

O Menino Deus é um caso especial, pois ele é cultuado como o padroeiro da povoação, mas não como membro da Trindade e, portanto, Deus ele mesmo, mas como um santo como os outros, pois, para o catolicismo popular da região amazônica Deus é uma figura distante e pouco invocada.

Outra figura especial é São Pedro, pois ele é considerado mais como um companheiro de trabalho do que como um santo, então não se espera dele muitos milagres (Maués, 1995 e 2001).

Particularmente interessante é a concepção em relação aos santos. Santo é quem viveu neste mundo e se santificou após a morte. A santidade está relacionada com a prática do bem, fato que não é considerado fundamental, como o sofrimento ou a morte violenta. Também é relacionada com a santidade a conservação ou não decomposição dos ‘corpos santos’, fato este que leva a outros santos, ‘os santos de cemitério’ que são cultuados quando deles se obtém milagres ou graças. Esta crença está espalhada também em outras partes do Brasil (Maués, 1995 e 2001).

Pode parecer contraditório, mas para as populações caboclas da Amazônia é claro que santo é o ‘santo do céu’, isto é, aquele que morreu, alcançou a salvação e agora convive com Deus, com os anjos e com outros santos. Por outro lado, Deus deixou as imagens destes santos na terra, e que, por um processo metafórico e metonímico, são tão poderosas quanto os santos do céu.

Além da crença em uma hierarquia entre os santos, alguns mais poderosos e milagrosos do que outros, como é o caso dos ‘santos achados’, isto é, daqueles cujas imagens foram achadas (Nossa Senhora de Nazaré de Vigia e de Belém, Nossa Senhora do Templo de Barcarena, São Benedito Achado de Curuçá e

outros), também existe a crença intrigante de que uma imagem é mais poderosa e ou milagrosa do que outra do mesmo santo.

É visível que o poder das imagens depende dos santos que elas representam, como também dos locais onde são cultuadas, mas as razões históricas, sociais, culturais, psicológicas e econômicas são mito complexas. Uma dessas razões pode ser a importância do ‘dono do santo’ numa determinada localidade. Quando o dono da imagem cultuada tem certo prestígio numa determinada comunidade, ou por ser a pessoa mais rica, ou a mais influente ou a que tem mais prestígio religioso ou não, a imagem torna-se mais poderosa, mais milagrosa, mais cultuada, mas é uma ideia a ser relativizada, pois foram verificados casos em que, mesmo o dono do santo tendo perdido sua ascendência, a imagem não o acompanhou na decadência (Maués, 1995, p. 343).

### *Os encantados e a pajelança cabocla*

A concepção dos “encantados” é encontrada numa parcela mais específica da população amazônica, ela é restrita à pajelança rural ou de origem rural (cabocla). Enquanto que os santos morreram e se santificaram após a morte, os encantados não morreram, “se encantaram”. Essa crença tem ligação com as concepções de príncipes e princesas encantadas do mundo ocidental, mas também sofreu a influência das concepções de origem indígena, de lugares situados “no fundo” ou abaixo da superfície terrestre, como também das concepções de origem africana, como os orixás (Maués, 2001). Mas como se dá o processo de encantamento? Outra grande diferença para com os santos é que o encantado não tem nenhum mérito moral, ele não virou encantado por ter praticado a caridade, pelo sofrimento ou pela morte, já que ele não morreu. Ele foi encantado por outro encantado, foi atraído para o ‘fundo’, onde acontece o ‘encante’. Este ‘fundo’ geralmente é no fundo dos rios, lagos, cidades subterrâneas ou subaquáticas (Maués, 1995 e 2001). Para que aconteça o encante, é suficiente que um encantado ‘se encante’ com alguém por qualquer motivo, e então é levado para o fundo, onde, caso coma qualquer coisa que lhe seja oferecida, torna-se um encantado e não poderá mais retornar à convivência humana na superfície. Diferente é o caso dos pajés, que são levados ao fundo para que lá aprendam sua arte, mas, neste caso, eles retornam à superfície como xamãs para praticarem as curas xamânicas e a pajelança.

Apesar dos encantados ou bichos do fundo serem os mais importantes, também existem os ‘encantados da mata’: a Anhangá e a Curupira. Estes são particularmente perigosos, pois podem provocar mau-olhado nas pessoas ou

‘mundiá-las’, isto é, fazer com que se percam na mata, punição conferida a caçadores inescrupulosos. Mas, num ambiente dominado pelas águas (rios, baía do Marajó e oceano Atlântico), estes encantados têm menos relevância.

Outra grande diferença com os santos é que os encantados nunca são representados, não existem imagens de encantados, eles são invisíveis, mas podem manifestar-se visivelmente de diversas formas. Nas casas dos xamãs podemos encontrar imagens de santos, mas nunca encontraremos imagens de encantados.

Quando os encantados assumem forma de cobra, peixe, boto e jacaré e se manifestam nos rios e igarapés, são chamados de bichos do fundo, e são perigosos porque podem provocar mau-olhado ou flechar as pessoas; são chamados de ‘oiaras’ quando assumem forma humana e se manifestam nos manguezais e nas praias como amigos ou parentes com a intenção de levar as pessoas para o fundo. Finalmente, são chamados de ‘caruanas’ quando, mesmo permanecendo invisíveis, incorporam-se em alguém, seja este alguém um xamã já formado (pajé), seja um futuro xamã ou simplesmente qualquer pessoa da qual ‘se agradam’ (Maués, 1995 e 2001).

Os caruanas expressam grande ambiguidade, como também os santos, pois esta é uma característica das entidades sobrenaturais, mas a ambiguidade dos caruanas é muito mais forte porque eles são seres humanos e quando incorporam o fazem como um todo, não é só o espírito que incorpora, mas espírito e matéria.

Similarmente os santos são localizados no alto, enquanto os encantados ficam no fundo, mas ambos podem conviver com os humanos na superfície. Ambos podem castigar (sobretudo São Benedito no meio dos santos), curar doenças, resolver problemas amorosos, achar algo perdido. Em contrapartida, não existem delimitações para o campo de ação dos santos, enquanto a ação dos encantados restringe-se às matas, rios, igarapés, terra firme, várzea, manguezais e praias. No mar, frente a qualquer perigo, invocam-se os santos (Nossa Senhora de Nazaré e São Benedito), não os encantados (Maués, 1995 e 2001).

Não se pode deixar de falar na crença nos ‘fadistas’, isto é, pessoas que tem o fado/destino de transformar-se em bicho; trata-se da matinta-perera e do ‘labisônio’ (lobisomem). O fadista é alguém que fez um pacto com o diabo, mas, em troca, é obrigado a cumprir o “fado” (destino), isto é, “vagar pela noite sob forma inumana” (Maués, 1999, p. 245). Na crença popular seriam pessoas que fizeram um pacto com sataná. Em troca de alguma vantagem, além de venderem suas almas, são destinadas a se transformarem em bicho durante a noite.

O labisônio, corruptela de lobisomem da cultura europeia, numa região onde não existem lobos, o fadista, em lugar de se transformar em lobo, se transforma em porco e ataca os passantes.

Mas a feiticeira ou bruxa por excelência é a fadista chamada de matinta-perera. É sempre uma mulher que pode voar, transformando-se em animal, morcego e porco, sempre acompanhada pelo pássaro “xerimbabo” que emite um assobio típico produzido também pela fadista e que denuncia sua presença. Trata-se de um ser humano vivo, mas cujo espírito pode incorporar em quem deseja perseguir. Pode transmitir seu fado a uma neta.

A todas essas crenças correspondem cultos, festas e rituais, sendo que o culto e as festas são exclusivos dos santos, enquanto os encantados são relacionados com os rituais xamanísticos, principalmente as sessões de cura.

Torna-se necessário falar destes rituais, mas antes é necessário falar dos pajés. Já vimos anteriormente que os pajés não gostam do termo, e que todos se definem como católicos. Os próprios xamãs chamam a si mesmos de ‘curadores’ e não falam de pajelança.

Para se tornar um pajé, precisa ter um dom ‘de nascença’ ou de ‘agrado’. Tal dom não pode ser revelado antes do tempo para não correr o risco de perdê-lo. Depois de um período em que vai sofrer com incorporações descontroladas de espíritos e caruanas, deverá passar por um treinamento com um pajé experiente que o orientará em como controlar as incorporações além de afastar os espíritos e os maus caruanas. Contemporaneamente deverá aprender os mitos, técnicas, remédios, orações e tudo mais que concerne à arte do pajé. O treinamento termina com uma cerimônia solene na qual o pajé é ‘encruzado’ e, simbolicamente, deve morrer para renascer como xamã. A partir daí, ele deverá observar certos tabus alimentares, sexuais e outros, além de dar continuidade à sua vocação de ‘curador’, para não ser punido por seus próprios cavalheiros/protetores/caruanas.

Similarmente ao culto dos santos, os pajés praticam rituais nos quais eles convidam seus caruanas em suas próprias casas, mesmo que não tenham nenhum ritual de cura a efetuar. Mas os rituais mais importantes são aqueles em que existe o pedido de um ou mais doentes que estão solicitando e precisando de uma cura. O pajé é apenas um intermediário; quem efetua realmente a cura, não é o pajé, mas, sim, os encantados ou caruanas. Por isso, é fundamental a incorporação, ao contrário do que acontece em outras formas de xamanismo em outras partes do mundo, onde é o xamã o ator principal e não as entidades diversas.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir das obras de Heraldo Maués, podemos compreender a dinâmica religiosa num ambiente de fronteiras: o mundo caboclo. Este conceito aparece em Heraldo Maués não só como uma dimensão étnico-cultural, mas como uma dimensão epistemológica na qual se revelam dinâmicas religiosas, culturais e sociais, num espaço de intersecções humanas. O espaço dos encontros de fronteiras é o da Amazônia: terras das águas, das matas, do sol e do fogo. Neste contexto acontecerão os encontros de tecidos socioreligiosos que darão amplitude ao religioso, sob a dinâmica dos múltiplos ritos, símbolos, narrativas, interditos e outros.

Nesta ótica, a religião na Amazônia não pode ser vista redutivamente, como uma dinâmica regionalista, provinciana. Ao contrário, nos espaços regionais, se revelam múltiplas possibilidades religiosas que ampliam a compreensão da mentalidade religiosa (na dimensão social) e da personalidade religiosa (no âmbito da prática individual). Heraldo Maués desnuda esta dimensão na investigação do religioso na dinâmica mais intimista de sua prática: na saúde, na cura, na magia, na feitiçaria, na santidade, na devoção, na pajelança, entre outras. A exploração da factualidade religiosa no cotidiano humano, no seu *dasein*,<sup>2</sup> revela aquilo que os hermenutas da religião compreendem como a dimensão pré-compreensiva, a dimensão elementar da rotina religiosa. Esta dimensão entrecruza o *homo religiosus* com as “tradições religiosas” na rotina de mundos sagrados na Amazônia. Isso mostra a importância das tradições como também das possibilidades lúdicas do dia a dia desprendidas por personagens culturais.

## REFERÊNCIAS

- MAUÉS, R. Heraldo. *A ilha encantada: medicina e xamanismo numa comunidade de pescadores*. Belém: Edufpa, 1990.
- \_\_\_\_\_. *Padres, pajés, santos e festas: catolicismo popular e controle eclesiástico*. Belém: Cejup, 1995.
- \_\_\_\_\_. *Uma outra “invenção” da Amazônia*. Belém: Cejup, 1999.

<sup>2</sup> Termo alemão bastante utilizado por Martin Heidegger, relacionado à ideia de estar lá, fazer-se presente.

- \_\_\_\_\_. Um aspecto da diversidade cultural do caboclo amazônico: a religião. In: VIEIRA, Célia Guimarães *et al.*, (Orgs.). *Diversidade biológica da Amazônia*. Belém: Museu Paraense Emílio Goeldi, 2001, p 259-274.
- \_\_\_\_\_. *Catolicismo e Xamanismo: comparação entre a cura no Movimento Carismático e na Pajelança rural amazônica*. Ilha – Florianópolis, v. 4, n. 2, dezembro de 2002, p. 51-77.
- \_\_\_\_\_. A pajelança cabocla como ritual de cura xamânica. In: MAUÉS, R. Heraldo e VILLACORTA, Gisela Macambira (Orgs.). *Pajelanças e religiões africanas na Amazônia*. Belém: Edufpa, 2008, p. 121-125.